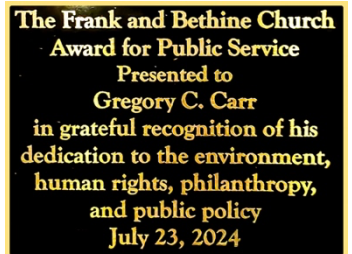




**THE FRANK  
CHURCH  
INSTITUTE**



Frank Church Institute, Boise State University  
2024 Annual Gala  
Comentários de Greg Carr ao receber o Prémio de Serviço Público do Instituto  
“O caminho mais longo é o caminho mais curto para casa”

[Saudações e agradecimentos às pessoas.]

O Senador Church nasceu em Boise há 100 anos.

Frank Church foi Senador durante 24 anos, de 1956 a 1980. Eu nasci em 1959. Portanto, foi o meu Senador durante toda a minha infância, até à faculdade.

Eu estava no liceu nos anos 70 quando ele liderou o comité restrito que ficou conhecido como o Comité Church. O Senador Church procurou um equilíbrio entre as necessidades de segurança nacional, por um lado, e os direitos dos cidadãos Norte-Americanos à privacidade, por outro. Esta palavra, “equilíbrio”, é o tema da minha palestra desta noite.

O meu irmão Steve e eu também ouvimos esta ideia da nossa mãe, Betty Carr, nascida em Kimberly, Idaho, em 1922. Ela dizia: “moderação em todas as coisas”.

Os meus comentários desta noite descrevem a minha viagem para compreender as pessoas que vieram antes de mim, o Senador Church, Betty Carr e outros, que foram mais sábios do que eu.

Dei um título engraçado à minha palestra: “O caminho mais longo é o caminho mais curto para casa”. Vamos ver se isto faz algum sentido no final.

Tive uma boa infância em Idaho Falls. A nossa família passava muito tempo ao ar livre. Adorávamos acampar, a natureza selvagem. Obrigado, Senador Church, pelo Wilderness Act de 1964.

Estudei História na faculdade. Gostei muito. Regressei ao Leste para fazer pós-graduação e estudei Governação. Agora estamos na década de 80. Não sabia o que fazer da minha vida, por isso abri uma empresa de tecnologia. Eu não sabia nada sobre tecnologia. Foi exatamente isso que todos fizemos nos anos 80, todos queríamos ser Steve Jobs. Vendi a empresa cerca de 10 anos depois. Agora com 30 anos, voltei a interrogar-me: “o que quero fazer da minha vida?” Eu conheci uma mulher. O seu nome era Elodie. Ela era exótica. Ela era de França. Estava a obter um doutoramento em

filosofia moral em Harvard. Ela estava fora do meu alcance. "Spoiler alert": isto não vai acabar bem para o Greg.

Ah, esqueci-me de uma coisa: ela era judia ortodoxa. Não sou judeu ortodoxo. Este pequeno facto importava para três pessoas: Elodie... e os pais dela. Apesar destes desafios, eu ainda esperava que a Elodie fosse minha namorada. Fui a Paris num Verão, entre os seus períodos escolares em Harvard. Pensei: "Vou arranjar forma de impressionar a Elodie e os pais dela".

Assim, decidi estudar Maimônides. É um filósofo Judeu. Adivinhem: a sua filosofia poderia ser resumida na palavra "equilíbrio".

Maimônides foi influenciado por Aristóteles, o antigo filósofo Grego. Aristóteles falou sobre algo a que chamou "Meio Áureo".

Aristóteles dizia que a virtude se encontrava evitando os extremos de pensamento ou emoção. Extremos que nos tornam cegos para outros pontos de vista e surdos para outras vozes. Deu exemplos como: imprudência de um lado e cobardia do outro. O meio-termo entre eles é a coragem. Evitou o extremo para encontrar a virtude. O seu conselho para evitar a polarização pode ser relevante nos EUA de hoje.

Mal sabia eu que a minha Mãe estava a canalizar Aristóteles através dos tempos quando disse: "moderação em todas as coisas".

Apesar de eu tagarelar sobre Maimônides, Elodie e os seus pais, gentilmente, deram-me "com os pés". Voei de volta para Boston. Eu estava triste. Tinha acabado de ser "dispensado". Voltei a questionar-me sobre o que deveria fazer da minha vida. Tinha 35 anos. Para encontrar consolo, fui a um lugar nos arredores de Boston chamado Abadia da Paz.

A Abadia da Paz é dedicada à paz e aos direitos humanos. Fica a cerca de meia hora de Boston. Possui zonas relvadas e água. É lindo. Contém citações de grandes pessoas escritas em placas de pedra. Isto parece familiar, não é verdade, para os meus amigos aqui do Wassmuth Center. Estive hoje no vosso belíssimo Memorial de Anne Frank. Havia citações na Abadia da Paz de Mahatma Gandhi, Sojourner Truth e muitos mais. Fiquei comovido com isso. Eu estava inspirado. Disse para mim mesmo: "é isto que vou fazer, vou defender os direitos humanos". Conheci um homem na Abadia da Paz chamado Harry Wu. Ele era da China. Passou 19 anos da sua vida no fundo de uma mina de carvão. Estava em trabalhos forçados, um prisioneiro político. Foi rotulado de capitalista na revolução cultural da China nos anos 60. Nos anos 80, conseguiu chegar a Boston, onde o conheci na Abadia da Paz. E disse para mim mesmo: "podia ter sido eu. Tive uma vida ótima em Idaho Falls. Mas e se eu fosse o Harry"? E este é o início do pensamento sobre os direitos humanos, não é... aquele momento em que consideramos outra pessoa e pensamos: "podia ter sido eu". Então, agora decidi dedicar-me aos direitos humanos, mas não sabia o que iria realmente fazer. Assim, decidi aprender mais. E embora goste de História, pensei começar pelo início e procurar a primeira aparição desta ideia de que talvez todos devêssemos ser tratados de forma igual. Encontrei um discípulo de Confúcio, há 2500 anos, chamado Mêncio. E Mêncio disse: "um camponês é tão importante como um imperador". Uau.

Podia ter tido a cabeça decapitada por dizer aquilo. E, ao mesmo tempo, do outro lado do mundo, na Grécia antiga, Atenas estava a ter um florescimento intelectual famoso. Tinham um teatro vibrante. Conhecemos os nomes dos grandes dramaturgos Gregos, Sófocles, Ésquilo, Aristófanes... mas aquele de que gostei mais foi Eurípides. Eurípides escreveu sobre os pequenos, os marginalizados, os forasteiros, que nunca seriam o centro das peças dos outros dramaturgos.

Eurípides escreveu uma peça de teatro chamada “Filhos de Hércules”. Esta era uma história sobre crianças que perderam os pais na guerra. E deambulavam pela Grécia, de cidade em cidade, em busca de um lar. Chegaram a Atenas. E nesta peça, o povo de Atenas discute. As crianças não são cidadãos. Que obrigação moral temos para com estas crianças? Eurípides não diz às pessoas como devem pensar. Ele estava apenas a tentar iniciar a discussão. Escreveu uma peça chamada Mulheres Troianas. Tratava-se de mulheres capturadas na guerra e transformadas em escravas. Eurípides está a fazer-nos pensar: “e se eu fosse essa pessoa?”

Assim, continuei a ler a História, a Magna Carta, de há 800 anos, John Locke no século XVII, que falava sobre os Direitos Naturais. Rousseau, um século depois, em França, falou sobre o Contrato Social. A luta no século XIX para acabar com a escravatura. Aliás, uma das rotas dos escravos descia pelo rio Zambeze, em África, onde trabalho agora.

As sufragistas, que trabalharam arduamente durante muito tempo para que as mulheres tivessem o direito de votar em 1920. Estava entusiasmado. Queria ajudar a manter esta dinâmica, o avanço dos direitos humanos ao longo da história. Dirigi-me ao reitor da minha antiga escola em Harvard e digo: “vamos começar um centro de direitos humanos”.

Ele disse: “somos uma universidade de investigação, não uma ONG de direitos humanos como a Amnistia. Quais são as questões não respondidas sobre os direitos humanos, dignas de uma universidade de investigação? Toda a gente gosta de direitos humanos.” Sinto-me como a Dorothy no Feiticeiro de Oz, que finalmente conhece o feiticeiro, e ele diz: “sim, sim, sai e vai fazer mais isto e depois volta”.

Assim, passei mais 18 meses a estudar direitos humanos. Prosseguindo, olhei para a história mais recente para encontrar questões por responder, debates e divergências sobre os direitos humanos. Estudei a Declaração Universal dos Direitos Humanos. No final da Segunda Guerra Mundial, após o horror do Holocausto, foi criada a ONU. A ONU formou um comité para criar uma lista de direitos humanos que se aplicariam a todos os seres humanos na Terra. Eleanor Roosevelt foi nomeada Presidente do Comité. Ela colocou pessoas a representar todas as filosofias e todos os cantos do mundo. Conheceram-se durante dois anos, de 46 a 48. Temos as actas das suas reuniões. Foi muito útil para mim ler isto. E sim, houve muitos debates e diferentes perspetivas. Os Soviéticos não tinham a mesma visão dos direitos humanos que os Americanos.

Durante este período, Eleanor Roosevelt escreveu uma carta a Mahatma Gandhi, em 1947. Ele recebeu a carta num comboio. Em 1947, a Índia tinha acabado de conquistar

a sua independência de séculos de opressão colonial Britânica. Gandhi trabalhou nesta liberdade durante décadas. Resistência não violenta. Greves. Passou algum tempo na prisão. Se havia alguém no mundo, naquela época, que tinha autoridade moral para bater na mesa, exigir direitos, chamar a atenção dos Britânicos e condenar a sociedade ocidental, esse alguém era Gandhi. Mas ele não fez isso. Respondeu a Roosevelt e acho que o que disse foi a coisa mais incrível que li nos meus 10 anos de análise dos direitos. Ele disse-lhe: “não fale apenas de direitos, fale de responsabilidades”. Uau. Mais uma vez, estou a ouvir equilíbrio. Ele está a evitar o extremismo. E as palavras de Gandhi estão na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o artigo 29 diz: “todos têm um dever para com a sua comunidade, só na qual é possível o desenvolvimento livre e pleno da sua personalidade”.

Voltei ao reitor da Kennedy School e digo: “há muito debate e perguntas sem resposta”. Então, diz: “vamos a isso”. E lançámos o Centro Carr para Políticas de Direitos Humanos em Harvard.

Entretanto, em Boise, mais ou menos na mesma altura, estão a criar o vosso Memorial de Anne Frank. Tem lá uma citação de Nelson Mandela. Diz: “Fui oprimido pelos brancos e fui oprimido pelos negros...” Estou a pensar: “Suspeito que 99,9% da opressão que sofreu veio dos brancos, não dos negros, porque é que ele acabou a frase assim? E mais uma vez, estou a testemunhar o equilíbrio. Ele está a tentar encontrar um caminho a seguir. Ele quer que nos vejamos como seres humanos.

E há outra citação no Memorial que adoro, de Billie Jean King.

Na sua época era provavelmente a lésbica mais famosa do mundo. Ela era respeitada. O que diz a citação dela? “Vamos celebrar as nossas diferenças.” Ela não diz: “os homossexuais já foram oprimidos por pessoas heterossexuais durante tempo suficiente, e agora exigimos isto e aquilo”. Ela também está a olhar para a frente, não para trás.

Estão a seguir o caminho certo, em vez de continuar a batalha, que nunca terminaria.

No Carr Center convidamos o Presidente de Moçambique para vir conversar. Joaquim Chissano. Fez um excelente discurso sobre o futuro de África para uma plateia cheia. Depois almoçámos. Ele diz-me: “O Greg é um filantropo e defende os direitos humanos, porque não vem a Moçambique e vamos encontrar um projecto para prosseguirmos juntos”. Nessa altura, Moçambique era o país mais pobre do mundo. Estava a emergir de 500 anos de colonialismo. Tiveram 30 anos de guerra; Morreram 1 milhão de Moçambicanos. Comecei a deambular por Moçambique entre 2002 e 2004. Pergunto-me o que posso fazer. Isto está acima do meu nível de conhecimento. Esbarro neste parque nacional esquecido, a Gorongosa. Na sua época de glória, era um dos melhores parques nacionais de África, com a mais densa colecção de fauna bravia. Mas quase todos os animais foram mortos na guerra, comidos por pessoas famintas. Importante para mim: a Gorongosa pode ser um motor económico se a revitalizarmos.

Vou até à capital, digo ao Presidente Chissano e aos seus Ministros: “vamos restaurar o vosso tesouro nacional, Gorongosa. Vamos fazê-lo com foco nos direitos humanos”. O Parque estava rodeado por 250.000 das pessoas mais pobres do mundo. O Presidente Chissano diz: “ok, vamos a isso”.

Passámos alguns anos a fazer um plano. Este é um grande projecto, não só para restaurar o Parque, mas para ajudar as pessoas que vivem ao redor. Em Janeiro de 2008 assinei um acordo com o Governo de Moçambique, comprometendo-me essencialmente para o resto da minha vida a ajudá-los a restaurar o seu tesouro nacional.

Então fui contactado. Nelson Mandela queria conhecer-me. Nelson Mandela passou 27 anos na prisão na África do Sul por lutar contra o Apartheid branco. Saiu em 1990. Ele queria passar algum tempo ao ar livre depois de ter sido isolado por tanto tempo. Visitou os parques nacionais da África do Sul. Ele gostou deles, mas há um grande problema: todos os turistas são brancos e todos os que lá trabalham são brancos. No entanto, a África do Sul é um país predominantemente negro. Na sua sabedoria, Mandela não diz: “vamos livrar-nos destes parques”. Diz: “vamos torná-los mais inclusivos”. Ele queria conhecer-me porque o seu amigo, o Presidente Chissano, lhe disse que eu iria restaurar a Gorongosa com enfoque nos direitos humanos. Estou sentado na sua sala de espera. Estou a pensar no facto de haver uma citação dele no meu estado natal, Idaho, no Memorial de Anne Frank. Uma pessoa simpática no escritório diz-me que é a minha vez. Percorro o corredor em direção à sua porta, pensando: “Vou contar-lhe sobre a citação dele no meu estado”. A porta abre-se e Billie Jean King sai.

O universo está a tentar bater-me na cabeça para me dizer que algumas pessoas realmente inteligentes vieram antes de mim e que eu deveria ouvi-las. Entrei no gabinete de Mandela. Peço-lhe conselhos sobre como fazer um parque de direitos humanos. Regresso à Gorongosa.

Agora preciso de percorrer 15 anos em um ou dois minutos. Gastamos  $\frac{3}{4}$  do nosso tempo e dinheiro fora do Parque. Estamos a trabalhar em 120 escolas. São escolas públicas. Formamos professores, oferecemos clubes extracurriculares para crianças, mantemos as raparigas na escola e fora do casamento infantil. Oferecemos cuidados de saúde. Ajudamos 20.000 famílias de agricultores. Restauramos a fauna bravia no Parque. Temos agora mais de 100% da biomassa equivalente de animais que existiam no Parque antes dos problemas.

Adoptámos uma abordagem de direitos humanos e não uma abordagem de fiscalização. Vejam, na África Colonial, os parques eram geridos como organizações de fiscalização. Os Fiscais armados manteriam a população local fora dos parques. Chamar-lhes-iam “caçadores furtivos” se comessem um animal. As pessoas ricas de longe vinham aos parques, divertiam-se e regressavam a casa, e a população local não ganhava nada. Proibi o termo “caçador furtivo”. Assim que utilizamos um termo depreciativo para alguém, é o primeiro passo para abusar dos seus direitos humanos, desumanizá-lo. Eu disse: “são pessoas que precisam de alimentos”. Ao ajudar 20.000

famílias de agricultores a obterem mais rendimento nas suas quintas, não precisam de ir ao Parque à procura de um facocero para comer. Agora temos muito pouca caça furtiva para falar sobre. Não perdemos um elefante ou um leão há tantos anos que não me lembro quando foi a última vez que isso aconteceu. Somos o maior empregador do centro do país. A revista Time chamou-nos “parque de direitos humanos”, a primeira vez que vi isto impresso.

Há mais uma coisa sobre a Gorongosa que quero discutir, a Ciência. No início do processo, reconheci que precisaríamos da ciência para nos ajudar a restaurar o ecossistema. Estamos a restaurar as florestas tropicais, precisamos de estudar os biomas do solo, as interações plantas-herbívoros, as interações herbívoros-carnívoros. E não sei nada sobre isso. Nessa altura, o biólogo mais famoso do mundo era E.O. Wilson, professor emérito de Harvard. Foi considerado o biólogo mais influente desde Darwin. O seu gabinete ficava a cerca de oitocentos metros de onde eu morava. Mas não podia simplesmente ir vê-lo. Lembrem-se, eu não sou ninguém. Cientistas voariam de todo o mundo para tentar passar uma hora com ele. Mas um dia vi-o num restaurante em Cambridge. E fui ter com ele e disse-lhe: “Professor Wilson, vou a Moçambique restaurar o Parque Nacional da Gorongosa”. E ele disse: “isto faz o meu coração bater mais depressa”. Depois eu disse: “porque é que não vem ver o que estamos a fazer?”. E ele veio 3 vezes. Escreveu um livro sobre a Gorongosa. E, mais importante, apresentou-nos cientistas de todo o mundo. Temos 70 universidades envolvidas com a Gorongosa, incluindo a Boise State, obrigado. E o objectivo é a transferência de conhecimento para os Moçambicanos. Temos um mestrado em biologia da conservação, 12 Moçambicanos em cada curso, 6 mulheres e 6 homens. São eles os futuros líderes que irão gerir todos os parques e reservas nacionais de Moçambique.

E.O. Wilson escreveu muitos livros. Um é relevante para o nosso tema desta noite de “equilíbrio”. Este livro chama-se “A Conquista Social da Terra”. Explica como a nossa espécie, os seres humanos/Homo sapiens, evoluiu ao longo dos últimos milhões de anos, desde o homo erectus até ao homo sapiens arcaico, e depois nos tornámos o homo sapiens moderno há cerca de 200.000 anos. E explica que temos genes para o egoísmo e genes para a colaboração, ou altruísmo... e explica porquê. Os biólogos falam sobre características adaptativas. Características que levaram à nossa sobrevivência. E podem imaginar, há 100 mil anos, houve momentos em que ajudámos alguém a sobreviver sendo egoístas, e houve momentos em que aumentou a probabilidade de sobrevivência sendo colaborativos ou altruístas. Crie uma amizade, ajude alguém, e essa pessoa poderá ajudá-lo algum dia, quando precisar. E todos partilhamos este genoma humano, todos temos genes para o egoísmo e a bondade, e temos provas fósseis e genéticas disso, que remontam a 200 mil anos.

Todos nós temos anjos e demónios dentro de nós. E a questão é: ouviremos os anjos ou os demónios ao fazermos escolhas ao longo da nossa vida. Ao ler Wilson, ouço Ghandi dizer: precisamos de cultivar o nosso carácter. E é essa a sua frase no seu memorial: “Sê a mudança que queres ver no mundo”.

Então, agora estava a pensar: temos uma base científica (a partilha do nosso genoma) para o que os filósofos sábios têm vindo a dizer há dois mil e quinhentos anos. Que precisamos de nos ver como uma espécie humana. Precisamos de nos rever nos outros. Precisamos que a sociedade reflita esse conhecimento, encontre o equilíbrio. Se sabemos que todos temos estes genes, então precisamos de encontrar o equilíbrio entre a justiça e a misericórdia nas nossas instituições e no nosso envolvimento com os outros.

E as coisas pelas quais somos obcecados, para identificar diferenças uns nos outros - religião, local de origem, até mesmo a cor da nossa pele - são de origem recente em comparação com o nosso antigo genoma, que partilhamos. Somos todos humanos.

Tenho uma história final antes de terminar esta noite. O título da minha palestra: “O caminho mais longo é o caminho mais curto para casa”. Isto é de um livro chamado *Ulisses*, de James Joyce. São 700 páginas do Inglês mais impenetrável que se possa imaginar. Vejam, quando tinha 30 anos, pensei: “se ler este livro, posso impressionar a Elodie”! Sabia que ela apareceria nesta história novamente. O *Ulisses* de Joyce é vagamente baseado na antiga história grega de Odisseu. Odisseu esteve longe de casa durante 20 anos. 10 deles eram guerra. Depois passou 10 anos num barco enfrentando todo o tipo de problemas. E precisou de superar essa adversidade para desenvolver o seu carácter, algumas capacidades, um pouco de humildade, para que estivesse pronto para regressar a casa. E esta frase está no livro de Joyce: “O caminho mais longo é o caminho mais curto para casa”. E acredito que o que Joyce estava realmente a tentar dizer era: “O caminho mais longo é o único caminho para casa”. O caminho mais longo é o único caminho para os direitos humanos. Precisamos de fazer o trabalho mais difícil. Seguir os nossos anjos. Para alguns: servir no Senado dos EUA durante 24 anos. Não existem atalhos. Precisamos de nos ouvir uns aos outros, desenvolver confiança e compreensão. Então, juntos, como uma família humana, poderemos trabalhar por um mundo em que todos desfrutemos dos nossos direitos e cumpramos os nossos deveres.